

DA TRANQUILIDADE E DA OBJECTIVIDADE

Manter uma mente pacífica e centrada naquilo que é importante, é fundamental em qualquer momento da vida, e ainda mais em momentos particularmente conturbados tão comuns nos dias de hoje. Note-se que é comum com o avançar da idade termos a tentação de comparar aquilo que vivenciamos na nossa juventude com o que se passa hoje, idealizando os nossos tempos passados quando eles também foram objecto de tantos conflitos e dificuldades. É natural isso acontecer porque o processo de envelhecimento vai gradualmente trazendo-nos formas de sentir diferentes, tornando-nos portadores de experiências. Nesse processo haverá sempre a dificuldade de aceitar mudanças recentes, nomeadamente quando essas mudanças não são para melhor, como aquelas que hoje se observam, na minha opinião.

Manter uma capacidade de crítica acutilante, justa e analítica é fundamental para uma mente pacífica, aliás não devemos confundir paz com uma indiferença que pode ser portadora de uma falsa paz. Tranquilidade não é paz como hoje tão simplesmente se quer transmitir e que é objecto de abordagens que rondam o processo de negação da realidade. Para mim tranquilidade é saber encarar as constantes contrariedade da vida de uma forma justa, equilibrada de modo a poder ter a presença de espírito adequado às tomadas de decisão adequadas a cada momento. É muito difícil de obter esta postura e obriga a um esforço de constante auto observação e auto correcção. Acredito que é um processo para uma vida e hoje em época de pouco esforço e nenhum auto sacrifício é algo raro de encontrar.

Iniciou-se um novo período de actividades depois do Verão e as contrariedades começaram a surgir em catadupa. Contrariedades em alguns casos contornáveis e em outros casos nem por isso. É fundamental que entendamos que não serve de nada dar demasiado valor a contrariedades que nos ultrapassam, que não estão na nossa mão evitar, sendo natural aceitar até ao limite do tolerável aquilo que acontece e que não podemos evitar. Há casos em que essas contrariedades têm um fundo de verdade mas ao surgirem em momentos inoportunos, se não forem abordadas adequadamente tornar-se-ão demasiado complicadas. Em caso de total impossibilidade de superação de nada serve ficar imobilizado olhando e esperando que essas contrariedades desapareçam de diante de nós. Há que contornar o que não podemos remover e remover o que for realisticamente possível remover.

Quem tem a seu cargo a responsabilidade de dar aulas em um Dojo sabe bem que é o "pão-nosso de cada dia" o surgimento de contrariedades típicas trazidas pelos espíritos intranquilos e não preparados dos alunos. Demasiado ruído e uma visão frequentemente egocêntrica, tão difícil de aceitar pelos seus portadores, são originadoras de um sem numero de questões que perturbam e acabam por nos desviar dos nossos verdadeiros objectivos. Com isto não afirmo que os "perturbadores" estejam conscientes da perturbação que causam mas há mecanismos que podem tornar cada um de nós em agentes, não conscientes, de dificuldades, amplificando as mesmas e gerando desequilíbrios que perturbam a estratégia que o responsável definiu para soluções que não podem ser somente de curto prazo. Se surge um rio no percurso e o nosso objectivo é prejudicado pelo contornar do mesmo, e não é viável construir uma ponte, a



solução aparentemente mais interessante, então temos de nos molhar e não nos determos no óptimo. Não é boa pedagogia o professor ir ao encontro dos anseios do aluno. Respeitar as idiosincrasias de cada um deve ser feito desde que o aluno possa ter no professor a imagem de alguém competente, que está presente para ajudar, que sabe o que está a fazer e quando, que não quer fazer pelo aluno, não quer ser imitado e que deve ser respeitado pelo esforço e pelo tempo de vida que disponibiliza para que o aluno possa ter acesso a conhecimentos que lhe podem ser úteis. Mas o óptimo é inimigo do bom. Neste processo há sempre percas mas é assim em tudo. O importante é chegar e se nesse processo o aluno tiver crescido, então melhor, senão não devemos ficar perturbados pois tudo tem o seu tempo e não estamos nesta vida para criar dissabores desnecessários. A relação Senpai / Kohai será sempre uma relação difícil e pouco geradora de tranquilidade para o "mais velho". Alguns ficam no caminho e outros caminharão do nosso lado mas, cada caminho é único.

Lisboa, 3 Setembro de 2013